

# Os retábulos da igreja de São Pedro no Funchal

P. Ladeira

Universidade da Madeira

A freguesia de São Pedro situa-se na baixa da cidade do Funchal. Inicialmente a cidade circunscrevia-se às freguesias de N.ª S.ª do Calhau e da Sé, mas o crescimento social e económico preceituou a sua expansão. O centro da cidade estava mais vocacionado para o comércio, administração e residência de famílias importantes, embora no local onde foi criada a freguesia de São Pedro, residisse o primeiro capitão-donatário do Funchal, João Gonçalves Zarco, e seus descendentes. Em finais do século XVIII importantes famílias funchalenses também residiam em São Pedro, como os Bettencourt, Freitas, Ornelas, Carvalhal. Aquando da criação da freguesia de São Pedro, considerada uma zona dos arredores da cidade, viviam muitas pessoas dedicadas à actividade agrícola e aos ofícios mecânicos (carpinteiros, pedreiros, ...), muitos oriundos dos concelhos rurais da Madeira e do Norte de Portugal<sup>1</sup>.

A criação da freguesia de São Pedro do Funchal passou por um processo um pouco atribulado. A nova freguesia foi criada por um alvará de Julho de 1566, emitido pelo cardeal infante D. Henrique, regente na menoridade do seu sobrinho-neto, futuro rei D. Sebastião. A freguesia surgiu da partilha da freguesia da Sé. A sua primeira ermida foi dedicada a São Paulo e São Pedro, actualmente denominada São Paulo. A freguesia ocupava a grande parte ocidental da cidade do Funchal e juntava-se às duas existentes de Nossa Senhora do Calhau e da Sé. A partilha da freguesia da Sé não teria agradado aos cônegos e a instalação acabou por não ter efeito<sup>2</sup>. Outro factor a ter em consideração neste impasse teria sido o facto de, neste período conturbado da História da Madeira, os corsários franceses terem atacado o Funchal em Outubro desse ano. A freguesia de São Pedro teve pouca duração, pois em 1579 o Bispo D. Jerónimo Barreto considerou-a desnecessária e o cardeal-rei D. Henrique extinguiu-a, erigindo duas em seu lugar, as de São Roque e de São Martinho, situadas ambas no limite da extinta freguesia, que voltou a ser restaurada pelo rei D. Filipe I, por carta de 1587<sup>3</sup>.

A construção da igreja matriz da freguesia de São Pedro do Funchal

---

<sup>1</sup> João José Abreu de Sousa, *História da freguesia de São Pedro*, 1999, p.16.

<sup>2</sup> Henrique Henriques de Noronha, *Memórias Seculares e Eclesiásticas para a Composição da História da Diocese do Funchal na ilha da Madeira*, 1722, transcrição e notas de Alberto Vieira, 1996, p.159. João José Abreu de Sousa, *História da freguesia de São Pedro*, 1999, p.10. Idem, *A Freguesia de São Pedro, Funchal – Séc. XVI*, *Diário de Notícias do Funchal*, ano 110, n.º 36098, 02-02-1986, p.6.

<sup>3</sup> Ob. cit. Henrique Henriques de Noronha, *Memórias (...)*, p.160. João José Abreu de Sousa, *História da freguesia de São Pedro*, 1999, p.12. Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Meneses, *Elucidário Madeirense*, vol. III, 1998, fac-símile da edição de 1940-1946, pp. 275-276. Rui Carita, *A Capela do SS. da Matriz de S. Pedro*, *Diário de Notícias do Funchal*, ano 115, n.º 47886, 07-07-1991, p.9.

também terá sido um pouco atribulada, tendo em conta os problemas da criação da freguesia. Um alvará de Filipe II, de 14 de Março de 1590, ordenava a sua construção determinando que deveria estar concluída até 1596, situada já no interior da cidade no local onde se encontra a actual<sup>4</sup>.

A igreja, sempre de nave única, passou por várias modificações e ampliações ao longo dos séculos XVII e XVIII, mas em linhas gerais deve manter os traços exteriores maneiristas do mestre das obras reais, Mateus Fernandes (III), que, como mestre das obras reais, era o responsável pelos projectos pagos pela Fazenda Régia. Mateus Fernandes, “*era um fortificador altamente habilitado e muito provavelmente neto ou bisneto dos arquitectos deste nome celebrizados nas obras do Mosteiro da Batalha*”, foi Mestre das Obras Reais na Madeira de inícios de 1567 até 1595, fixando-se depois em Tomar, onde também exerceu o referido cargo<sup>5</sup>.

No geral, a igreja estaria concluída em inícios do século XVII. Neste período procedia-se aos ornamentos da igreja, por exemplo, em 1604 o pintor dourador Manuel Vieira recebeu um extra de 6\$000 réis pela “*pintura e ouro, (...) além do conteúdo na traça e arrematação*” por um trabalho para o desaparecido retábulo-mor de São Pedro<sup>6</sup>, em 1608 o vigário Francisco Vaz Corte procedeu à entrega de 20\$000 réis para ajuda do retábulo da confraria de N.ª S.ª da Candelária<sup>7</sup> e em 1722 referia-se que “*a capella mayor tem no seu retábulo o Sancto Apostulo seu orago em pintura*”<sup>8</sup>.

Uma das ampliações da igreja ocorreu em 1661, com a construção no lado da Epístola, da capela do Santíssimo Sacramento, primeiramente de invocação de N.ª S.ª de Monserrate, “*a quem serve hua nobre confraria, com muito boa renda*”, proveniente sobretudo das elevadas quantidades de dinheiro que emprestava a juro<sup>9</sup>. A construção da capela do Santíssimo, por certo foi dirigida pelo mestre das obras reais Bartolomeu João, que juntamente com a sua esposa, Madalena de Abreu Escórcia, havia vendido, em 1642, os terrenos que possuía junto à igreja para a sua construção, nomeadamente vinte palmos de largura e trinta e um de comprimento por 30\$000 réis. O acordo de venda foi celebrado com o Mestre Escola da Santa Sé da cidade do Funchal, Brás de Castro de Moura e o Reverendo Padre Álvaro Vaz da Corte, na qualidade de testamenteiros de João de Moura Rolim, pois

<sup>4</sup> Ob. cit. Henrique Henriques de Noronha, *Memórias (...)*, p.160. Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Meneses, *Elucidário Madeirense*, vol. III, 1998, fac-símile da edição de 1940-1946, p. 276. Rui Carita, *Breve Resenha Histórica – A capela do SS. da Matriz de S. Pedro*, *Jornal da Madeira*, série II, ano LIX, n.º 18248, 07-07-1991, p.13.

<sup>5</sup> Rui Carita, *A Arquitectura militar na Madeira nos séculos XV a XVII*, vol. I, 1998, pp. 144-164, 220-233.

<sup>6</sup> ANTT, *Cabido da Sé do Funchal, Livro da Fábrica da Sé do Funchal*, L.º6, f.279 v.º, cit. Rui Carita, *História da Madeira (1600-1700) - As dinastias Habsburgo e Bragança*, vol. III, Funchal, 1992, p. 418.

<sup>7</sup> Biblioteca Nacional de Lisboa, Manuscrito 142, n.º30, f. 2-4, cit. Maria Isabel da Câmara Santa Clara Gomes Pestana, *Das coisas visíveis às invisíveis – Contributo para o Estudo da Pintura Maneirista na Ilha da Madeira (1540-1620)*, vol. II, Tese de Doutoramento em História da Arte da Época Moderna, policopiado, Universidade da Madeira, Funchal, 2004, p.152.

<sup>8</sup> Ob. cit. Henrique Henriques de Noronha, *Memórias (...)*, p.160.

<sup>9</sup> Idem, *Ibidem*, p.161.

este em testamento de 1640 “*mandou que se fizesse huma cappella para ornato e veneração do Santíssimo Sacramento da igreja matriz do Apostolo São Pedro na melhor parte da igreja [...] e se tirasse o sacrário do Altar mor. [...] O melhor lugar era na parte do altar de Santa Luzia e fiéis de Deos, da dita Igreja*”<sup>10</sup>, ou seja do lado dos terrenos que foram vendidos por Bartolomeu João. Bartolomeu João faleceu em 1658, em 1618 havia dado continuidade no cargo do pai, como Mestre das Obras Reais, Jerónimo Jorge que veio para a Madeira em 1609 e faleceu em 1617<sup>11</sup>.

João de Moura Rolim está sepultado na dita capela, em cuja campa se lê “*Sepultura de João Moura Rolim, fundador desta capella do Senhor*”, e na parede da capela vêem-se as armas dos Mouras, que lhe pertenciam por sua mãe “*D. Maria de Moura filha de Mendo de Ornellas de Moura, e de sua segunda mulher, e prima D. Antonia de Vasconcellos. Foi seu Pay João de Caux, Cavalheyro Frances natural de Ruham [Chartres] na Provincia de Normandia, como vimos por hua habilitação de sua nobreza tirada na sua pátria em 26 de Abril de 1653, que para na mão do Protector desta Capella, e administrador do morgado que instituhio com ella o fundador, em seu sobrinho Joseph Machado de Miranda,[filho de sua irmã D.<sup>a</sup> Antónia de Moura] por cujo falecimento sem filhos, passou aos de sua Irmã D. Magdalena de Miranda, e hoje o tem seu neto Francisco Luís Vasconcellos Betencurt Machado*”<sup>12</sup>.

Por morte de Francisco Luís, em 1741, a capela passou a sua esposa, Mariana de Vilhena, falecida em 1755, e filhos entre os quais João José Vasconcelos Bettencourt (1715-1766) e Dona Guiomar Madalena de Sá Vilhena (1705-1789), que procederam a obras de remodelação da capela, como consta da data de 1743 inscrita na parte superior da moldura da talha da janela<sup>13</sup>. Dona Guiomar de Sá Vilhena foi uma mulher com uma intervenção determinada num universo onde os actos de destaque eram dos homens, destacando-se na actividade empresarial onde aliou a produção à comercialização dirigindo ligações marítimas internacionais, que muito contribuiu para a avultada fortuna da Casa de Carvalho, uma das maiores do país. Dona Guiomar possuía muitas propriedades e administrava quarenta e oito capelas na Madeira, entre as quais a do Santíssimo da igreja de São Pedro. Escolheu e foi sepultada no convento de São Francisco do Funchal e se lá não estivessem concluídas as obras que se realizavam, considerou

<sup>10</sup> Arquivo Regional da Madeira, *Confrarias*, L.<sup>o</sup> 65, Confraria do SS. da igreja de São Pedro do Funchal, L.<sup>o</sup> do Tombo dos títulos, verbas, escrituras e contratos dos bens da Confraria (1606-1878), 31-03-1642, f. 13-14v.<sup>o</sup>.

<sup>11</sup> Rui Carita, *A Arquitectura militar na Madeira nos séculos XV a XVII*, vol. I, 1998, p. 291. Idem, *História da Madeira(...)*, vol. III, Funchal, 1992, p. 173 e 341.

<sup>12</sup> Ob. cit. Henrique Henriques de Noronha, *Memórias (...)*, p.161. ARM, L.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 65, f. 13-14v.<sup>o</sup>, 31-03-1642.

<sup>13</sup> Sobre os familiares de João de Moura Rolim, vide Rui Carita, *Breve Resenha Histórica – A capela do SS. da Matriz de S. Pedro*, *Jornal da Madeira*, série II, ano LIX, n.<sup>o</sup> 18248, 07-07-1991, p.13 e Bernardete Barros, *Dona Guiomar de Sá Vilhena Uma Mulher do século XVIII*, SRTC/CEHA, Funchal, 2001, quadro genealógico entre as pp. 24-25.

a hipótese de vir a ser sepultada nesta capela do Santíssimo<sup>14</sup>.

Uma gravação numa placa de pedra cantaria cinzenta emoldurada com parras e cachos de uvas, exposta na capela, contém a inscrição ao centro “LOUVADO SEJA O SANTÍSSIMO SACRAMENTO 1661”, o que sugere a data da conclusão das obras da primitiva capela. Deste período é o sacrário em talha que parece ser o original da capela do Santíssimo e da autoria da oficina do entalhador Manuel Pereira (1661). O magnífico e minucioso sacrário em madeira entalhada e dourada, em estilo Maneirista, é decorado com querubins, motivos padronizados, folhagens inspiradas em folhas de acanto; apresenta três andares, no primeiro com porta dotada de Ave Fénix e a inscrição “QVAE VTILITAS IN SAN / QVI NEMEO: P SAL29”, ladeada por pares de colunas com fustes repletos de decorações, diferenciadas no terço inferior; o andar médio com cacho de uvas ao centro e o andar superior com espigas de trigo, encimado por Ave Fénix. Os dois primeiros andares são encimados por frontões triangulares interrompidos.

O entalhador Manuel Pereira casou, residiu e faleceu na freguesia de São Pedro a 30 de Março de 1679, deixando, inclusivamente, 2\$000 réis à Fábrica da Igreja<sup>15</sup>. A oficina deste entalhador, o mais prestigiado e produtivo na Madeira a partir de 1634 até 1679 foi responsável pela grande quantidade e qualidade de talha tardo-maneirista que muito dignifica a arte retabular da Madeira do século XVII<sup>16</sup>. Manuel Pereira teve pelo menos duas gerações de entalhadores homónimas, havendo ainda um sobrinho, Manuel Pereira de Almeida, *imaginário*, como podemos constatar na certidão de óbito, em que é indicado como seu testamenteiro<sup>17</sup> e referenciado em 1697 com 54 anos<sup>18</sup>.

Quanto à capela do Santíssimo Sacramento, apresenta-se quase totalmente revestida por talha e pintura, tratando-se de um conjunto único e bastante interessante, derivado da totalidade do revestimento, da profusão, minuciosidade, requinte da talha vazada que lembra um rendilhado de filigrana, preenchimento com painéis de pintura e da junção da talha de 1661 de Manuel Pereira com as remodelações e acrescentos de talha em 1743, atribuídas ao entalhador Julião Francisco Ferreira e ao pintor José António da Costa.

As remodelações e a remontagem da talha primitiva, em 1743,

<sup>14</sup> Bernardete Barros, *Dona Guiomar de Sá Vilhena Uma Mulher do século XVIII*, SRTC/CEHA, Funchal, 2001, pp.27, 57-58, 147-149. As capelas de S. José e do SS. da Sé também foram alvo da sua dedicação, como se verifica pela participação na confraria e atribuição de legados.

<sup>15</sup> ARM, *Registos Paroquiais*, São Pedro – Funchal, Óbitos, L.º 94, f.108, cit. Rui Carita, *História da Madeira (...)*, vol. III, Funchal, 1992, p.413.

<sup>16</sup> Rita Maria Camacho Correia Rodrigues, *Martim Conrado, “insigne pintor estrangeiro” – um pintor do século XVII na Ilha da Madeira*, Tese de Mestrado em História da Arte, policopiado, Universidade da Madeira, Funchal, 2000, pp. 277-282. Rui Carita, *História da Madeira (...)*, vol. III, Funchal, 1992, pp. 412-414.

<sup>17</sup> ARM, *RP*, São Pedro - Funchal, Óbitos, L.º94, 1651-1687, f.108v.º, cit. ob. cit. Rita Rodrigues, *Martim Conrado (...)*, 2000, p.281-282.

<sup>18</sup> Rui Carita, *História da Madeira (...)*, vol. III, Funchal, 1992, p.415. Idem, *História da Madeira – O século XVIII Economia e Sociedade*, vol. V, Funchal, 1999, p. 438.

mantiveram a disposição testamentária de João de Moura Rolim, ou seja deixaram a tela de N.ª S.ª de Monserrate e a evocação das suas armas, representadas por nove castelos de ouro. O retábulo, fruto da mistura da talha maneirista com as remodelações de talha barroca, apresenta-se actualmente com revestimento dourado e policromado. Compõe-se de um só corpo e três tramos, embasamento com duplo registo, sotobanco a enquadrar a mesa do altar e a predela com mísulas decoradas com largas e naturalistas folhagens de acanto a suportar pilastras que separam os tramos e enquadram o imponente sacrário. O tramo central apresenta uma pintura evocativa a N.ª S.ª de Monserrate, e os laterais, painéis de talha que se prolongam do entablamento até à predela, inspirados em motivos vegetalistas finos, tudo trabalhado de modo simétrico e com grande minúcia.

O ático desenvolve-se a partir do entablamento interrompido por uma arquivolta plena, decorada de igual modo às pilastras e dividida por três aduelas decoradas com folhas de acanto. O friso do entablamento é decorado com querubins, característicos dos retábulos maneiristas, em princípio da talha da primitiva capela de 1661. O ático apresenta uma composição tripartida: ao centro, a arquivolta plena enquadrada por duas mísulas que suportam um pequeno entablamento que apoia o remate onde se encontra uma cartela central com a Ave Fénix, envolta por um frontão de quatro lanços com volutas em forma de “C”. Nas ilhargas surgem ramos vegetalistas em “S” e segmentos de frontões com volutas em “C” e outras, inspiradas em folhas de acanto e que enquadram dois querubins de corpo inteiro em alto-relevo. A talha prolonga-se na capela por régua pelas paredes laterais e tecto emoldurando várias pinturas alusivas a passos do Antigo e Novo Testamento.

Em finais do século XVII, procedera-se a grandes obras de ampliação na igreja. Um mandato do Conselho da Fazenda de 19 de Julho de 1690, determinava que se arrematassem as obras de pedreiro da igreja de São Pedro por 1.711\$000 réis, subtraindo 60\$000 réis pela pedraria da igreja velha, a obra de carpintaria foi avaliada em 20\$300 réis<sup>19</sup>.

Nas primeiras décadas do século XVIII, a igreja passou novamente por algumas obras de reformulação e de ampliação. Refira-se que em 1710 já se pensava em construir um novo retábulo para a capela mor, mas o que levou a adiamentos de algumas décadas, pois segundo os livros da Fábrica da igreja, nesta data há despesas de 3\$000 réis “*por gasto de hua planta do retabolo que mandei ao Rei [e] se remetesse ao Conselho [da Fazenda]*” e de 15\$000 réis “*por dinheiro que mandei para Lisboa a quem trata das negociações da igreja dos ornamentos e retabolo por mão de Inácio da Silva*”<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> ANTT/PJRFF, n.º 968, f. 129v.º, cit. João José Abreu de Sousa, *História da freguesia de São Pedro*, 1999, p.14. Refira-se que a igreja recebia 10\$000 réis anuais do Conselho da Fazenda para a Fábrica da Igreja (Arquivo do Paço Episcopal do Funchal, *Livro da Fábrica da Igreja – Receita e Despesa*, 1638-1734, f.8).

<sup>20</sup> APEF, *Livro da Fábrica da igreja de São Pedro do Funchal (1638-1734)*, 1710, f.86.

No ano de 1723 foi levantado o arco cruzeiro e a capela-mor, com esmolas dos fregueses e devotos, considerando-se “o arco e capela mor tão bacho, que hera de facto considerável e por todos notado”<sup>21</sup> e foi construída uma janela no frontispício “para ficar bem clara a igreja”, com pedra de cantaria vinda de barco do Cabo Girão, sendo estas obras dirigidas pelo Reverendo Padre Beneficiado da igreja de São Pedro, Agostinho Cordeiro Bernardes. Refira-se que os arcos das capelas laterais, idênticos ao da capela-mor, devem ser em princípio desta campanha de obras. Durante estas obras, em 1724 um pintor (Caetano Brunette ?) “aspiou as portas, arco da pia, confessionários e fresta da capela maior” havendo também despesas com pedreiros e carpinteiros na fresta da capela-mor onde trabalhou o pintor Caetano Brunette que levou pelo seu trabalho 31\$000 réis, utilizando alvaiade, ocre, óleo e gesso, e a Fábrica da igreja pagou-lhe um beberete no valor de 1\$800 réis. Por esta altura também se realizou a “pintura dos nixos sobre os altares colaterais (...) e o remate” e em 1726 construiu-se uma janela do coro<sup>22</sup>.

Depois desta campanha de obras de 1723 / 1724, edificaram-se os actuais retábulos colaterais da igreja, em estilo Barroco, em madeira entalhada e dourada, dedicados a Santa Luzia e à Purificação de Nossa Senhora, também denominada de N.ª S.ª da Candelária, respectivamente o do lado da Epístola e o do lado do Evangelho, embora aproveitando algumas esculturas e pinturas de São Gregório e de São Jacinto dos retábulos anteriores.

As imagens da evocação dos altares de Santa Luzia e N.ª S.ª da Candelária aparecem em pequenos oratórios, colocados ao centro da predela, realizados em talha barroca dourada, também designados de românicos, dado em linhas gerais repetirem os portais românicos com os seus arcos superiores de volta perfeita. Os oratórios são entalhados ao pormenor e parecem retábulos em miniatura, apresentam colunas torsas, de cinco espiras, prolongadas superiormente em arco de volta perfeita, cobertas de parras e cachos de uvas, e que ladeiam as abóbadas de concha e de berço, respectivamente dos nichos de N.ª S.ª da Candelária e de Santa Luzia. Os arcos superiores que servem de remate, salomónicos de volta perfeita, encontram-se cortados transversalmente por três aduelas, onde aparecem folhas de acanto em relevo, que igualmente aparecem nas mísulas de suporte das colunas. A escultura de N.ª S.ª da Candelária é em madeira entalhada, dourada e policromada, de oficina portuguesa do séc. XVII, assenta sobre três querubins tendo ao colo o Menino. Santa Luzia, “imagem de grande concurço, e devoção”<sup>23</sup>, é em madeira estofada, dourada e policromada, de inícios do século XVIII, de expressão barroca, contendo na peanha a inscrição

<sup>21</sup> Idem, *Ibidem*, 1723, f.92v.º e 100.

<sup>22</sup> Idem, *Ibidem*, 1724 e 1726, f.92v.º e 100. O pintor António Lopes em 1734 deixou \$700 réis para a Fábrica da igreja (idem, *Ibidem*, f.102v.º).

<sup>23</sup> Ob. cit. Henrique Henriques de Noronha, *Memórias (...)*, p.161.

“MENSALVSC / ESCATLVICIALVCE / TVA”.

Os retábulos onde estão colocados os referidos oratórios, são de planta recta e compõem-se de embasamento, corpo único, um só tramo e frontão. Os retábulos apresentam um grande entablamento, com arquitrave lisa, cornija com padrões geométricos e friso decorado com folhas de acanto em forma de espiral, num padrão que se repete na totalidade do entablamento. Cada altar possui um par de colunas torsas com sete espiras, sendo a primeira envolta num conjunto de folhas de acanto de onde emergem as outras, assentes em mísulas muito avançadas em forma de volutas e decoradas com largas e imponentes ramagens de acanto, trabalhadas com grande naturalismo. Os fustes das colunas são decorados na totalidade com ramagens com muitas flores abertas e fechadas.

Os altares colaterais têm características estruturais e decorativas semelhantes, no entanto diferem em alguns pormenores. Além das diferentes esculturas das evocações de ambos que assentam sobre grandes peanhas douradas, os frontões e os grandes nichos ovais da parte central, pouco usuais nos retábulos, são diferentes. O espaço compreendido entre os nichos, as colunas, o entablamento e a predela é decorado por um motivo triangular, composto por uma flor e ramagens de acanto.

O retábulo de Santa Luzia, no nicho profundo da parte central em forma oval pontiaguda, apresenta uma escultura de Santo António, de oficina portuguesa de finais do século XVII. O frontão do retábulo é decorado com um grande concheado enquadrado por duas volutas e decorações inspiradas em folhagens de acanto. O retábulo de N.ª S.ª da Candelária apresenta um nicho na parte central em forma oval, enquadrando uma escultura de oficina portuguesa de finais do século XVII representando Santo Inácio de Loyola. O remate do frontão é idêntico ao de Santa Luzia, acrescido de uma cabeça de querubim com asas sobre o concheado e de uma grinalda de folhagens geométricas que parte do centro da voluta. O oratório de N.ª S.ª da Candelária é enquadrado por duas pequenas pinturas dedicadas a São Gregório e São Jacinto, pertencentes a um antigo retábulo situado na mesma parte da igreja, atribuídas ao pintor Martim Conrado, pintor com pinturas na Madeira, assinadas entre 1646 e 1653. Existe uma pintura alusiva à Senhora da Candelária, hoje na Sacristia da mesma igreja, que pertenceu ao retábulo antigo<sup>24</sup>.

Os retábulos colaterais apresentam características semelhantes ao retábulo-mor da capela de Nossa Senhora da Conceição, situada na vila de Câmara de Lobos na ilha da Madeira, datado de 1723, nomeadamente o envolvimento da primeira espira das colunas com um conjunto de folhas de acanto, a decoração triangular com uma flor e folhagens de acanto aplicada no espaço compreendido entre as colunas e os nichos que albergam esculturas, e as naturais e largas ramagens de folhas de acanto que decoram as mísulas de suporte das colunas. Por

<sup>24</sup> Ob. cit. Rita Rodrigues, *Martim Conrado (...)*, 2000, p.202-204. Refira-se que este altar anteriormente pertencia às confrarias de N.ª S.ª da Candelária, São Jacinto e São Gregório.

outro lado, o ático deste retábulo de Câmara de Lobos apresenta uma profusão e emaranhado de decorações semelhante ao retábulo da capela do Santíssimo Sacramento da igreja matriz da Ribeira Brava, da ilha da Madeira, este datado de 1727, e ambos atribuídos por Robert Smith ao entalhador Manuel da Câmara<sup>25</sup>. Face às datas da realização dos mencionados retábulos dos três templos e as analogias decorativas entre os retábulos colaterais da igreja de São Pedro e o referido retábulo da capela de Nossa Senhora da Conceição, não é de descuidar a hipótese dos retábulos colaterais da igreja de São Pedro do Funchal terem sido executados pela oficina do entalhador Manuel da Câmara.

Entre 1737 e 1739 a igreja sofreu modificações, a cargo do pedreiro e capitão engenheiro Diogo Filipe Garcês, então mestre das obras reais, que desempenhou o cargo de 1727 até 1744<sup>26</sup>. A igreja deve ter ficado assim em linhas gerais com a estrutura que chegou até aos nossos dias.

Na sequência das obras das primeiras décadas do século XVIII, construiu-se o actual retábulo em talha da capela-mor, tendo-se vendido o antigo retábulo em 1741, por 25\$000 réis ao Reverendo Vigário da freguesia de Gaula, em Santa Cruz<sup>27</sup>.

Em 1742, observamos nos livros da Fábrica da igreja várias despesas com o novo retábulo da capela-mor, nomeadamente 19\$500 réis “*por avanço do risco a quinze por cento*” e 21\$600 réis “*que se deo a Felis Audauto da Cunha morador em Lisboa por dous riscos para o altar mor*”<sup>28</sup>. Como podemos comprovar neste registo documental inédito, a Fábrica da igreja de São Pedro, encomendou um projecto para o retábulo principal com talha da mais moderna e actualizada que se realizava em Portugal, incumbindo dois riscos a um entalhador lisboeta, um dos mais notáveis e relevantes dos meados de setecentos, Félix Adaúcto da Cunha, com actividade referenciada entre as décadas de 1710 e 1780<sup>29</sup>. A este entalhador se deve a introdução do rococó de influência francesa na talha portuguesa, nomeadamente no oratório da sacristia da igreja do extinto convento da Madre de Deus em Lisboa, obra realizada em 1746<sup>30</sup>.

Nas contas da Fábrica da igreja de São Pedro, referentes aos anos de 1744 a 1746, o mestre das obras Reais, Diogo Filipe Garcês, recebeu 1\$500 réis

<sup>25</sup> Robert C. Smith, *A Talha em Portugal*, 1962, pp.76 e 92, nota 30.

<sup>26</sup> Rui Carita, *Os Mestres de Obras Reais no séc. XVIII e a reconstrução do Paço Episcopal do Funchal*, Revista *Islenha* n.º 17, 1995, p.19-20. Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Meneses, *Elucidário Madeirense*, vol. III, 1998, fac-símile da edição de 1940-1946, p. 276.

<sup>27</sup> APEF, *Livro da Fábrica da igreja de São Pedro do Funchal (1638-1734)*, ano de 1741, f.92v.º, 120v.º, 121, 127.

<sup>28</sup> *Idem*, *Ibidem*, ano de 1742, f. 123v.º.

<sup>29</sup> Francisco Lameira, “O Retábulo em Portugal das origens ao declínio”, *Promontoria Monográfica História da Arte 01*, Faro, 2005, p.62.

<sup>30</sup> *Livro em que se lamça todo o gasto que se fez na obra da sacristia do convento de Nossa Senhora Madre de Deus. Ano de 1746*, f. 37, transcrito por Luís Keil, *Boletim de Arte e Arqueologia*, Lisboa, 1921, pp. 44 e 45, cit. ob. cit. Francisco Lameira, “O Retábulo em Portugal (...)”, 2005, p.104.

pelo orçamento do retábulo e 1\$000 réis pelo orçamento “*de dentro do camarim*” e o escrivão das contas 1\$000 réis “*para o termo de se fazer o retábulo*”<sup>31</sup>.

Segundo a Provedoria da Real Fazenda do Funchal, a obra havia sido pedida pelo vigário Manuel Fernandes Mondim em 1733, embora só fosse paga em 1742 e 1749. A 12 de Maio de 1742 há um Mandado do Conselho da Fazenda para a feitura do retábulo e camarim da capela-mor, e portas, conserto das paredes e tecto da igreja. Quinze anos depois há um “*mandado do Conselho da Fazenda para se pagar a obra do retábulo e camarim da capela feitos há 15 anos e a obra das molduras em dourado e os 4 painéis e uma janela fingida da capela mor e para a remessa de pagamento das imagens de São Paulo e Santo André para o altar mor da capela mor*. Lisboa, 11 de Setembro de 1749, Funchal 20 de Agosto de 1757; *informação do mestre das obras reais sob quem passara a obra, 209\$600 e para se atender ao pedido do mestre pintor e dourador José António da Costa que tinha feito a obra do altar mor*, Funchal, 7 de Junho de 1749”<sup>32</sup>.

Entre 1744 e 1746 os oficiais da Fazenda Real também procederam a um orçamento para as obras da “*sacristia, casa e adro (e) deitar a obra a praça*”, edificou-se a porta principal da igreja por 249\$000 réis, realizaram-se gastos em cantaria e outras despesas no pórtico da igreja no valor de 339\$155 réis, comprou-se 675 telhas para a igreja. O pintor Inácio Pereira pintou os tirantes da igreja por 1\$200, João António [Vila Vicêncio?] prateou quatros aros de castiçais por 12\$000 réis e encontramos uma despesa de \$800 réis relacionada com “*os quadros que se estavam pintando*”, em princípio relacionada com os quadros para as paredes laterais da capela-mor<sup>33</sup>.

Diogo Filipe Garcês casou em 1728, com Maria de S. João, filha de Manuel Fernandes Coelho e de Maria da Silva, da freguesia da Ponta do Sol, tendo geração<sup>34</sup>, em 1738 foi padrinho do casamento do pai do entalhador Estêvão Teixeira de Nóbrega, Manuel Teixeira [de Nóbrega]<sup>35</sup>. O pedreiro Manuel António Garcês<sup>36</sup>, irmão de Diogo Filipe Garcês, ambos moradores na freguesia de São

<sup>31</sup> APEF, *Livro da Fábrica da igreja de São Pedro do Funchal (1638-1734)*, anos de 1744-1746, f. 130-130v.º.

<sup>32</sup> IAN/TT, *PRFF*, L.º 21, f. 24-24v.º.

<sup>33</sup> APEF, *Livro da Fábrica da igreja de São Pedro do Funchal (1638-1734)*, 1742, f.124v.º, 127, 130, 130v.º.

<sup>34</sup> ARM, *RP*, Casamentos, Ponta do Sol, L.º456, 18-04-1728, f.º 112 v.º. Filhos de Diogo Filipe Garcês: Filipe (nasceu a 01-03-1726, filho de uma escrava, Maria Josefa); Simão (n. 28-10-1736); Vitorino (n. 1739) (ARM, *RP*, S. Pedro – Funchal, Baptismos, L.º 101: 11-03-1726, f. 33v.º; 03-11-1736, f. 148v.º; 1739, f. 200). Tinha escravas (Josefa foi baptizada em 1730), Tomé era filho de uma escrava e de pai não conhecido foi baptizado em 1739. (ARM, *RP*, S. Pedro – Funchal, Baptismos, L.º 101: 24-03-1730, f. 76v.º; 1739, f. 200).

<sup>35</sup> ARM, *RP*, S. Pedro – Funchal, Casamentos, L.º 121, 19-05-1738, f. 84. Manuel Teixeira de Nóbrega era filho de António de Nóbrega e de Isabel Maria, naturais da freguesia de S. Pedro; neto paterno de Manuel Teixeira e de Maria Florença, naturais da freguesia do Estreito da Calheta e materno de Manuel de Nóbrega e de Maria de Nóbrega, naturais do Caniço. Casou com Isabel Maria, filha de João Gomes Brazão e de Isabel Bettencourt, naturais da freguesia de Santo António, neta paterna de Vicente Gomes Brazão e de Maria Serrão naturais do Estreito da Calheta; neta materna de António Fernandes Bettencourt e de Francisca de Caires, naturais da freguesia de Santo António.

<sup>36</sup> Manuel António Garcês era filho do pedreiro João Vieira e de Antónia Pestana Garcês, naturais de São Pedro. Casou em 1727 com Isabel Maria, filha de Manuel Rodrigues Camacho, natural da Tabúa e de Isabel Gonçalves

Pedro do Funchal, embora tivesse falecido em 1741 no ano em que era tesoureiro da confraria do SS. da igreja de São Pedro do Funchal<sup>37</sup>, as suas filhas, Catarina Delfina do Sacramento († 25-02-1795) e Inácia Maria da Encarnação (n. 16-05-1733 – † 06-07-1788), casaram respectivamente em 1745 e 1756, com os pintores João António Vila Vicêncio (futuro Mestre das Obras Reais) e António da Trindade da Cruz, mantendo assim o cargo de Mestre das Obras Reais na família<sup>38</sup>. Refira-se que Maria Josefa da Conceição Vila Vicêncio, irmã de João António Vila Vicêncio, era casada com o pintor José António da Costa, ambos naturais de Al Laguna, ilha de Tenerife nas Canárias<sup>39</sup>. A este núcleo de três casamentos da mesma família, juntou-se as relações sociais e profissionais próximas às produtivas oficinas do entalhador Estêvão Teixeira de Nóbrega e do pintor Nicolau Ferreira Duarte, que depois juntamente com os descendentes de todos estes mestres e de outros que trabalhavam para as suas oficinas, faziam destas famílias o grande monopólio das obras de arquitectura, talha e pintura no arquipélago da Madeira em finais do século XVIII e inícios do século XIX<sup>40</sup>. Estêvão Teixeira de Nóbrega era natural da freguesia de São Pedro, do Funchal, onde foi baptizado em 1746. Casou a 4 de Janeiro de 1770 com Joana de Freitas, sendo testemunha no casamento o pintor João António Vila Vicêncio<sup>41</sup>.

Dada a proximidade familiar entre os três pintores mencionados anteriormente: José António da Costa, João Vila Vicêncio e António da Trindade da Cruz, não podemos descartar a hipótese de todos terem colaborado no douramento

---

natural da vila da Calheta (ou naturais de São Pedro?); foram testemunhas do casamento António João de França e Manuel Francisco de Vasconcelos. Manuel António Garcês tinha duas irmãs: Antónia (n. 14-04-1715) e Helena Luísa casada com o mestre pedreiro José Teixeira de Nóbrega [ou da Mata], estes tiveram pelo menos dois filhos: António (n. 21-11-1727) e Joana (n. 27-12-1731). Possuía um escravo, Simão, (baptizado a 19-05-1733) (ARM, RP, S. Pedro – Funchal, Baptismos, L.º 100: 14-04-1715, f. 111; 21-11-1727, f. 52; 31-12-1731, f. 81v.º; 19-05-1733, f. 131v.º).

<sup>37</sup> ARM, *Confrarias*, L.º 65, Confraria do SS. da igreja de São Pedro do Funchal, Livro do Tombo dos títulos, verbas, escrituras e contratos dos bens da Confraria (1606-1878), 31-03-1642, f. 13-14v.º.

<sup>38</sup> ARM, RP, S. Pedro – Funchal, Baptismos, L.º 101, 29-05-1733, f. 103; Idem, Óbitos: L.º 137, 06-07-1788, f. 94; L.º 138, 25-02-1795, f. 133. Manuel António Garcês teve ainda outros filhos: Antónia (n. 25-02-1733); António (n. 07-10-1739); Manuel [José do Nascimento] (n. 18-12-1731) casado com Doroteia Maria: baptizaram um filho, Ilário, em 1754 (ARM, RP, S. Pedro – Funchal, Baptismos, L.º 101: 02-03-1733, f. 128; 11-10-1739, f. 197; 23-12-1731, f. 81; Idem, L.º 103, 20-01-1754, f. 86).

<sup>39</sup> Sé, Funchal, Baptismos, L.º 672, 04-08-1756, f. 49, cit. Padre Silvério Aníbal de Matos, *São Jorge e suas ermidas*, 2000, p. 47.

<sup>40</sup> ARM, RP, S. Pedro – Funchal, Casamentos: L.º 121, 31-10-1745, f. 127; 02-03-1756, f. 225v.º-226; L.º 122, 08-02-1782, f. 229v.º; Idem, Óbitos, L.º 138, 25-02-1795, f. 133.

<sup>41</sup> Idem, *Ibidem*, Baptismos, L.º 102, 30-01-1746, f. 111. Joana de Freitas era natural da freguesia de São Martinho, filha de Francisco Manuel [de Sousa] e de Antónia Francisca do Rosário, naturais da mesma freguesia, neta paterna de Simão Nunes, da freguesia de Machico e de Mariana Ferreira, e materna de João Rodrigues, das Quebradas e de Maria de Freitas, natural de Santo António (Idem, *Ibidem*, Casamentos, L.º 122, f. 99). Estêvão Teixeira de Nóbrega teve dois irmãos, Manuel (n. 11-02-1743) e Francisco (n. 04-10-1755) e duas irmãs, Ana Maria do Carmo (n. 13-07-1740) e Josefa de Jesus (n. 27-12-1748), que casaram com dois carpinteiros, respectivamente com António Francisco Xavier e António José (Idem, *Ibidem*, Baptismos: L.º 101, 18-07-1740, f. 213v.º; L.º 102, 17-02-1743, f. 44; L.º 102, 01-01-1749, f. 186v.º-187; L.º 103, 09-10-1755, f. 134; Idem, *Ibidem*, Óbitos, L.º 143, 10-12-1824, f. 171v.º; Idem, *Ibidem*, Casamentos, L.º 122, 23-10-1775, f. 173).

e pintura do retábulo da capela-mor, embora José António da Costa fosse o principal responsável desta empreitada. Dada a relação muito próxima entre os referidos três pintores como está bem documentada nos registos paroquiais, podemos deduzir com muitas certezas que muitas vezes trabalhariam em conjunto e eram dos principais protagonistas, sobretudo nos douramentos da talha, decorações e pintura de tectos das igrejas.

José António da Costa, em 1750, foi padrinho de baptismo de José, filho de João António Vila Vicêncio. José Agostinho da Costa, filho de José António da Costa, em 1769 e 1771 foi procurador respectivamente de Ana Rita e Joana Flora, filhas de João António Vila Vicêncio, como madrinhas de baptismo de Luciana e de Francisco, filhos do pintor António da Trindade da Cruz. Com as sobreditas madrinhas respectivamente desempenhou igual função, em 1777 e 1770 com João e José, filhos de Estêvão Teixeira de Nóbrega; neste caso os padrinhos foram os pintores Gerardo Francisco de Abreu e João António Vila Vicêncio. José Agostinho da Costa juntamente com Ilário de Jesus foram padrinhos de baptismo de João, filho de João Gomes e de Maria Quitéria, em 1783 foi padrinho do casamento do pintor Vital Domingos com Antónia Joaquina, o que revela a proximidade a outros pintores que provavelmente trabalhariam para eles<sup>42</sup>.

João António [Rodrigues] Vila Vicêncio, de nacionalidade espanhola, era natural da freguesia de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> dos Remédios da cidade de Al Laguna, ilha de Tenerife das Canárias, fixando residência, na década de 40 do século XVIII na freguesia de São Pedro do Funchal. Era filho de Domingos Rodrigues e de Tomásia Perez Vila Vicêncio, moradores na ilha de Tenerife, freguesia de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Conceição. Realizou pinturas e douramentos em igrejas da Madeira, antes de ser Mestre das Obras Reais, cargo que exerceu entre 1781 e 1796, data em que faleceu. O facto de ser um pintor a exercer o cargo, foi inédito, pois até então nenhum pintor havia desempenhado o cargo de Mestre das Obras Reais, geralmente eram mestres ligados às obras de fortificação.

A sua afinidade com a freguesia de São Pedro está patente no seu testamento em que pede a seu testamenteiro, o carpinteiro José Rodrigues Gonçalves que *“mande buscar a Lisboa hua Imagem de Santa Bárbara bem feita e estufada o melhor que se puder fazer e de boa madeira com olhos de vidro e do tamanho daquela que se acha colocada no Altar de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Calhau e será levada com toda a decencia e ahi ficará perpetuada [na igreja de São Pedro]”*. João António Vila Vicêncio teve um neta, Maria, que faleceu nova a 25 de Agosto de 1787 e foi sepultada na igreja de São Pedro *“em cova da fabrica que se lhe deu por ser seu avô bemfeitor desta Igreja”*, talvez em gratidão pelas obras na capela de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Boa Morte, pintura do tecto da capela-mor (?) ou de outras encomendadas pela

<sup>42</sup> ARM, *RP*, S. Pedro - Funchal, Baptismos: L.<sup>o</sup> 102, 01-05-1750, f. 218v.<sup>o</sup>; L.<sup>o</sup> 104, 17-09-1769, f. 92v.<sup>o</sup>; L.<sup>o</sup> 104, 19-03-1771, f. 123; L.<sup>o</sup> 104, 13-04-1777, f. 259; L.<sup>o</sup> 104, 12-11-1770, f. 116v.<sup>o</sup>-117; L.<sup>o</sup> 104, 09-03-1775, f. 223v.<sup>o</sup>. Idem, *Ibidem*, Casamentos, L.<sup>o</sup> 213, 17-02-1783, f.<sup>o</sup> 116v.<sup>o</sup>.

Fábrica da mesma igreja. João António Vila Vicêncio e José Rodrigues Gonçalves aparecem por vezes referenciados em conjunto em escrituras notariais e registos paroquiais. José Rodrigues Gonçalves em 1788, aquando da morte de um filho, Diogo, referia-se que a criança foi sepultada na igreja de São Pedro do Funchal e o pai “*não deu a esmola costumada por ter servido gratuitamente a esta igreja no seu ofício de carpinteiro*”<sup>43</sup>.

Quanto ao pintor António da Trindade da Cruz que “*tem exercício na Arte da Pintura*” e dos douramentos, era natural da freguesia de São Julião, de Setúbal e era pai do entalhador José Joaquim da Trindade (nasceu a 10-05-1765 e casou em 1800 com Maria Joaquina) que em 1834 construiu 12 castiçais para o altar-mor da igreja de São Pedro<sup>44</sup>. A sua proximidade aos referidos mestres está bem documentada, entre muitos exemplos possíveis refira-se que foi padrinho e procurador de alguns baptismos: procurador de Ana Josefa, como madrinha, com o padrinho João António Vila Vicêncio, de Lauriana, filha de Manuel Pereira e de Maria do Carmo (1755); padrinho com Antónia Teresa Vila Vicêncio representada pelo pintor António Pinto [Felgueira] (1779) e foi procurador de Inácia Maria da Encarnação com o padrinho Domingos Nunes no baptismo de Teodora, filha de Estêvão Teixeira de Nóbrega (1782)<sup>45</sup>.

José António da Costa, foi um dos pintores douradores de transição do Barroco para o Rococó na Madeira, «*que nesta Ilha tem feito algumas obras de sua arte com perfeição*», como afirmava o provedor da Fazenda Real na Madeira em 1749, aquando de uma informação que deu para a Corte sobre o retábulo da matriz de São Pedro, no Funchal. Em causa estava um pedido que se fizera para que o mestre das obras reais, Domingos Rodrigues Martins, juntamente com o referido pintor o informasse sobre as medidas dos nichos e da boca da tribuna e orçamento necessário com os gastos dos oficiais, tintas e ouro, para depois se mandarem fazer na Corte as imagens e o painel para o camarim do novo retábulo<sup>46</sup>. O retábulo para a boca da tribuna não chegou até nós, mas chegaram as pinturas das paredes laterais. Em 1912, realizaram-se trabalhos na igreja e que orçaram em 1.315\$740 réis, sendo pároco Manuel Joaquim de Paiva. Nesta campanha de obras retiraram o quadro que se encontrava no altar-mor e que representava o orago da igreja, “*em virtude do seu estado não permitir o seu aparecimento á vista especialmente de estrangeiros que em grande numero visitam o templo*”, para depois mandar “*pintar*

<sup>43</sup> Idem, *Ibidem*, Óbitos: L.º 138, 08-08-1796, f. 162v.º-163v.º; L.º 137, 25-08-1787, f. 65; 27-03-1788, f. 77.

<sup>44</sup> Idem, *Ibidem*, Baptismos, L.º 104, 29-12-1765, f. 16. Maria Joaquina nasceu em 1774 e faleceu a 29-10-1810. Em princípio não tiveram descendentes vivos, pois tiveram dois filhos, António e Luís que faleceram novos. De Luís, foi padrinho de baptismo o entalhador Miguel Francisco da Câmara (ARM, RN, L.º 2083, 15-05-1800, f. 97-98; Idem, RP, Ponta do Sol, Casamentos, L.º 460, 09-09-1800, f. 86-86v.º. Idem, *Ibidem*, S. Pedro - Funchal: Baptismos, L.º 107, 26-08-1802, f. 251; Idem, *Ibidem*, Óbitos, L.º 140: 22-04-1804, f. 48; 22-10-1810, f. 76v.º; 29-10-1810, f. 76v.º). APEF, São Pedro - Funchal, L.º 44, L.º 5 das Contas da Fábrica Pequena, 1807-1911, f.26v.º.

<sup>45</sup> Idem, *Ibidem*, Baptismos: L.º 103, 07-12-1755, f. 140; L.º 105, 18-07-1779, f. 18v.º; L.º 105, 19-05-1782, f. 69v.º.

<sup>46</sup> IAN/TT, PJRFF, RG, L. 974, 07-06-1749, f. 24-24v.º.

*um novo quadro para ser collocado no altar mor*” o que não veio a acontecer<sup>47</sup>.

Em 1756, no termo de baptismo de Domingos Bartolomeu, filho se José António da Costa, menciona-se que o pintor está a residir na ilha da Madeira, juntamente com sua família “*por causa do douramento e pintura da igreja de São Jorge*”, em Santana. José António da Costa era natural das Canárias, filho de Nicolau da Costa e de Margarida [Ilhares ou Janes?], naturais de São Miguel da ilha da Palma, do arquipélago das Canárias<sup>48</sup>. José António da Costa trabalhou em importantes obras na Madeira, como o douramento da capela do Santíssimo na Sé entre Julho de 1770 e Fevereiro de 1772<sup>49</sup> e a pintura do altar-mor da igreja do Espírito Santo e Santo Antão no Caniço em 1781<sup>50</sup>.

Refira-se que em meados do século XVIII foram executadas as pinturas dos tectos da capela-mor da igreja de São Jorge em Santana e da capela-mor da igreja de São Pedro. Ambos apresentam semelhanças técnicas, formais e cromáticas, patentes por exemplo, nos monstros representados e nas muitas nuvens pequenas, repetitivas e arredondadas, em tons de ocres dourados e que conferem um espaço ilusionista do infinito, tão característico da pintura de tectos barrocos, embora no primeiro esteja representado uma “*personificação da Sabedoria Divina, que simultaneamente engloba o poder de Deus Pai, do Verbo e do Espírito Santo*”<sup>51</sup> e no segundo a Santíssima Trindade num espaço celestial. Importa referir que dadas as semelhanças técnicas existentes entre ambos os tectos, a presença documental de José António da Costa nos trabalhos das capelas-mores das duas igrejas e a proximidade familiar existente entre estes três pintores, e o facto da documentação consultada até hoje, estes serem os pintores que aparecem com mais consistência, é muito plausível que tenham sido os autores da pintura dos referidos tectos.

Quanto ao provável autor da execução da talha do retábulo da capela-mor da igreja de São Pedro, bem como das decorações das paredes da capela-mor, o açoriano Julião Francisco Ferreira, foi um dos entalhadores de transição do Barroco para o Rococó na Madeira. Era filho de Henrique Ferreira de Andrade e de

<sup>47</sup> BMF, *Diário da Madeira*, 22-03-1912, n.º 81, p.1.

<sup>48</sup> Sé, Funchal, Baptismos, L.º 672, 04-08-1756, f. 49, cit. Padre Silvério Aníbal de Matos, *São Jorge e suas ermidas*, 2000, p. 47. Além de Bartolomeu, José António da Costa teve mais dois filhos, ambos naturais da freguesia da Sé: Antónia Teresa Vila Vicêncio que casou em 1782 com Pedro Agostinho Pestana, e o pintor José Agostinho da Costa que casou em 1774 com Bernarda Inocência de Jesus (ARM, RP, S. Pedro – Funchal, Casamentos, L.º 122, f. 229v.º.) Estes últimos tiveram pelo menos um filho, Henrique, que nasceu a oito de Janeiro de 1775. De Henrique foram padrinhos Francisco António da Câmara Leme e D.ª Ana Maria Acciauly representada por seu procurador Jacinto Correia Acciauly (Idem, *Ibidem*, Baptismos, L.º 104, 15-01-1775, f. 220v.º).

<sup>49</sup> *Livro de receita e despesa da cfr. do SS. da Sé (1739-1772)*, f. 152v.º, cit. Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, 1963, pp.257-260.

<sup>50</sup> IAN/TT, PJRFF, RG, L.º 426, f. 78. ARM, CON, L.º 09, Confraria de N.º S.º do Monte do Carmo, f. 60v.º. Este é um registo de aprovação das contas da confraria de 29-03-1791, relativo às contas de 1772 até 1775. Segundo a PJRFF, foi pago ao pintor 100\$000 em 1781.

<sup>51</sup> Branca Maria Palla Lizardo, *Raridade iconográfica na pintura mural da igreja de São Pedro*, Revista do Diário de Notícias do Funchal, 04-07-1993, p.17-19.

Maria de Faria, morava na freguesia de São Pedro, no Funchal e casou a 29 de Julho de 1750 na Sé do Funchal, com Antónia de Caires, natural da freguesia de São Martinho do Funchal. Ficou viúvo e casou novamente, em 1770, com Ana Filipa Henriques, um ano antes de falecer. Foram testemunhas deste casamento o pintor António da Trindade da Cruz e António Pinto, muito provavelmente também pintor. Por esta altura, referia-se que morava na freguesia da Sé<sup>52</sup>.

Julião Francisco Ferreira, “*oficial de marceneiro*” faleceu em Junho de 1771, foi sepultado no Funchal, na igreja de N.ª S.ª do Carmo. Fez testamento mandando dizer missas por sua alma, dos pais, da primeira mulher e mais parentes. No testamento expunha que se desse ao padre Gonçalo Martins 18\$000 “*para o que lhe expos*”, em princípio referente a alguma obra que tenha executado, e que se desse ao reverendo vigário da freguesia de São Pedro \$600 réis para a Fábrica da igreja. Deixou por sua testamenteira a sua segunda mulher Ana Filipa Henriques<sup>53</sup>. Em princípio não teve geração, pois não encontramos referências a descendentes no testamento nem nos registos paroquiais.

O entalhador Julião Francisco Ferreira, além da execução da talha deste retábulo da capela-mor da igreja de São Pedro, também laborou na talha dos retábulos da capela-mor, colaterais, das paredes laterais e da sacristia da igreja de São Jorge, em Santana (década de 1750), capela de São João da Ribeira, situada em São Pedro no Funchal (1750). São-lhe ainda atribuídos os retábulos laterais ao arco triunfal da igreja matriz de Santana e alguns trabalhos na igreja da Camacha de 1750 / 1760). Em 1764, já convertido aos *lisos* do Rococó, laborou nos retábulos da igreja de N.ª S.ª da Graça, no Estreito de Câmara de Lobos e em 1770 / 1771 na talha da capela de N.ª S.ª da Boa Morte da igreja de São Pedro, do Funchal, esta muito provavelmente uma das suas últimas obras.

O novo retábulo da capela-mor da igreja de São Pedro do Funchal, em estilo Barroco Joanino, madeira entalhada, dourada e pintada, apresenta embasamento, um corpo, três tramos e ático. O embasamento de duplo registo, no sotobanco enquadra a mesa do altar e no banco ao centro encontra-se um nicho ricamente entalhado com uma pequena escultura de São Pedro do século XVIII. O restante banco é composto por quatro cartelas com motivos alusivos à Eucaristia e com os atributos do Orago da igreja, envoltas em decorações inspiradas em folhas de acanto, flores e concheados. As cartelas, que também se encontram no

---

<sup>52</sup> Julião Francisco Ferreira era neto paterno de Manuel Ferreira e Maria dos Reis e materno de José de Faria e Mariana Cabral, naturais da ilha de S. Miguel. Antónia de Caires, filha de Manuel de Castro e de Maria da Assunção era neta paterna de António Vaz Rebelo e de Maria da Assunção, naturais da freguesia de São Martinho e materna de Manuel Gomes Camacho e Luzia de Caires da freguesia de Santa Maria Maior do Calhau. Foram testemunhas do primeiro casamento Simão Martins de Araújo e Filipe Catanho (ARM, RP, Sé, Funchal, Casamentos, L.º 58, 29-07-1750, f. 36). Ana Filipa Henriques era filha de Francisco de Abreu Henriques e de Teresa de H. e eram todos naturais da freguesia de Câmara de Lobos (Idem, *Ibidem*, Câmara de Lobos, Casamentos, L.º 313, 03-05-1770, f. 57v.º).

<sup>53</sup> ARM, RP, S. Pedro – Funchal, Óbitos, L.º 135, 17-06-1771, f. 114.

sotobanco, são enquadradas na predela pelo nicho central e por quatro mísulas em forma de volutas, decoradas com ramagens de folhas de acanto, motivos florais e uma cabeça de querubim.

O corpo do retábulo, apresenta quatro colunas torsas com oito espiras, diferenciadas no terço inferior por um anel, decoradas com estrias e com um ramo que percorre as espiras na parte côncava e do qual espalham flores sobre a parte convexa. Os tramos laterais albergam nichos com esculturas, respectivamente do lado do Evangelho e da Epístola, de São José e da Virgem com o Menino, ambas do século XVIII. Os nichos pintados são compostos com mísulas e baldaquinos decorados com folhagens de acanto. Dos baldaquinos surgem cortinados sustentados por sanefas e repuxados lateralmente. O tramo central abarca o profundo camarim com trono de quatro andares, com sobrecéu e sanefas. O camarim é decorado nas paredes com painéis quadrangulares de talha, com alusões aos símbolos da Eucaristia e gramática idêntica ao retábulo. O entablamento é interrompido pelo arco da boca do camarim, e é decorado na cornija e arquitrave por padrões geométricos, vegetais, florais e torçais e no friso por um querubim central e nas ilhargas folhagens de acanto estruturadas em forma de flor-de-lis.

O complexo ático com composição tripartida tem ao centro de todo o conjunto o brasão das armas reais, símbolo que a Fazenda Real era a responsável pela Fábrica da capela-mor. Nas ilhargas do ático surge um cone espiralado decorado com concheados e folhagens de acanto, um querubim de corpo inteiro em alto-relevo e um segmento de frontão curvo terminado em voluta e decorado com a mesma gramática da cornija do entablamento, onde está assente um Ave Fénix que pendura uma grinalda de flores. A parte central do ático com dois andares, o inferior delimitado pela moldura da arquivolta plena decorada com enrolados de folhas, grinaldas de flores, concheados, ladeada por mísulas que suportam um entablamento com gramática decorativa igual à do entablamento do retábulo. A parte superior é adornada por segmentos de frontão curvo, um cone espiralado decorado com concheados e folhagens de acanto, grinaldas de flores, sendo todo o conjunto rematado com um frontão interrompido onde está colocado ao centro uma cartela com três cabeças de querubins com nuvens.

As molduras dos quadros da capela-mor, em Barroco Joanino, madeira entalhada, dourada e pintada, apresentam decoração semelhante à gramática do retábulo. Consiste num conjunto de réguas entalhadas com pilastras rematadas por capitéis e assentes em mísulas ressalvadas com largo entablamento coroado por frontões concheados.

Em finais do século XVIII, a confraria de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Boa Morte da igreja de São Pedro, com grande devoção dos fiéis, confrades de todos os estratos sociais e talvez das mais abastadas da Madeira, decidiu reconstruir a capela, pois a anterior encontrava-se danificada por ser obra antiga e por “*não ser suficiente*” o altar para o

culto e veneração de Nossa Senhora.

Esta confraria foi fundada em 1646, data do primeiro Compromisso<sup>54</sup>. Segundo Henrique Henriques de Noronha, foi fundador da capela Manuel Soares, “natural do Reyno, que por não ter filhos nomiou a sua administração em Manuel Fernandes Mondim (vigário de São Pedro), seu amigo; e jaz sepultado nella com sua mulher”<sup>55</sup>. Em finais do século XVIII, os juizes da confraria pertenciam a famílias importantes e com grande tradição nos mais diversos cargos políticos, económicos e sociais ao longo da História da Madeira, como os: Ornelas, Câmara Leme, Atouguia, Bettencourt, Vasconcelos, Accioly, Freitas Meneses, Carvalho Esmeraldo e Sá Machado<sup>56</sup>. Nos finais do século XVIII, a já mencionada morgada D. Guiomar de Vilhena destinou 50\$000 réis a ganhar juro, para com este contribuir para o ornato do altar da capela<sup>57</sup>.

A confraria adquiria as suas receitas através das esmolas anuais, esmolas de eiras e lagares, receitas das entradas de irmãos, arrendamentos de prédios urbanos e rústicos e, principalmente, dos rendimentos do dinheiro que emprestava a juro. As receitas eram empregues nas despesas correntes com o culto: em missas, cera, na festa de Nossa Senhora e nos ornamentos necessários para a capela.

Os elementos que serviam em Mesa decidiram remodelar a capela. A 4 de Fevereiro de 1770, o pintor João António Vila Vicêncio apresentou à Mesa da confraria um risco que tinha feito, comprometendo-se a utilizar madeira de castanho e tabuado de casquinha, ficando a obra “*mais moderna que de presente se usa com os intalhes e lisos*”, ou seja ao gosto da clientela actualizada e vigente na época, o estilo Rococó. A Mesa aceitou o risco e ajustou a empreitada da obra, a 9 do mencionado mês, com o referido pintor por 600\$000 réis, com o prazo de conclusão de um ano, recebendo 100\$000 no dia da escritura e os restantes à medida que os oficiais iam executando a obra<sup>58</sup>. Como fiador do contrato ficou o veterano entalhador Julião Francisco Ferreira que também colaborou no entalhe do retábulo, uma das suas últimas obras que temos referências<sup>59</sup>.

Na talha da capela também trabalhou Estêvão Teixeira de Nóbrega, um dos entalhadores mais notáveis em finais do século XVIII e inícios do século XIX. Foi o maior responsável pelas obras rococós na Madeira, tem o seu nome ligado a várias obras de talha e chegou a desempenhar o cargo de Capitão Engenheiro e Mestre das Obras Reais entre 1810 e 1833. Em 25 de Janeiro de 1795, ajustou com

<sup>54</sup> ARM, *Governo Civil do Funchal*, L.º 229, Confraria de N.ª S.ª da Boa Morte, S. Pedro – Funchal, L.º do Compromisso, f.1-4.

<sup>55</sup> Ob. cit. Henrique Henriques de Noronha, *Memórias (...)*, p.161.

<sup>56</sup> ARM, *GCF*, L.º 234, Confraria de N.ª S.ª da Boa Morte, S. Pedro – Funchal, Livro de Eleições 1778-1838.

<sup>57</sup> Bernardete Barros, *Dona Guiomar de Sá Vilhena Uma Mulher do século XVIII*, SRTC/CEHA, Funchal, 2001, p.56.

<sup>58</sup> ARM, *GCF*, L.º 228, Confraria de N.ª S.ª da Boa Morte, S. Pedro – Funchal, Livro de Bens e Escrituras, f.57v.º-58v.º.

<sup>59</sup> Idem, *Ibidem*, L.º227, Livro de Receita e Despesa, f.11v.º, 13v.º.

a confraria de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Boa Morte, por 160\$000 réis para realizar um novo túmulo de madeira entalhada, que se encontra actualmente na predela do altar, pondo a madeira e feito da mesma, não metendo em conta os pedaços de madeira da urna velha que se tiraram para a feitura da nova, nem a pintura e douramento<sup>60</sup>.

Na capela trabalharam ainda o mestre João Nóbrega, Manuel João [de Nóbrega?] e o carpinteiro Sebastião Ferreira. O pintor Nicolau Ferreira Duarte, o pintor de cavalete com oficina mais produtiva na Madeira em finais do século XVIII, em 1772 / 1773, pintou seis quadros para os lados da capela alusivos a cenas da vida de Nossa Senhora. Quanto ao quadro central do retábulo poderá ser atribuído a Nicolau Ferreira ou a João António Vila Vicêncio, pois o tratamento formal das figuras representadas difere dos quadros das paredes laterais. O pintor José António da Costa trabalhou em 1771 / 1773 na capela de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Boa Morte recebendo em 1773 “*pelo resto da obra da capela 20\$000*”. Em 1772 aparece referido “*a José da Costa por conta do seu trabalho, 3\$000*”, mas também “*José António Pintor, 3\$000*”<sup>61</sup>.

No retábulo da capela de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Boa Morte, há um equilíbrio decorativo entre “*os intalhes e lisos*”, surge o gosto por superfícies planas e relativamente lisas, ou seja há uma harmonia entre a obra de carpintaria e de talha, revestindo a talha apenas algumas superfícies com as suas delicadas rendas e decorações, o que dá grande leveza formal ao conjunto da capela.

É um trabalho de talha dourada de três panos, sendo o central ocupado pelo nicho que alberga a pintura alusiva a N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Boa Morte e os laterais com esculturas de São Joaquim e Santana, ambas do século XVIII, encimadas por baldaquinos inspirados em concheados. A separação entre a pintura e as esculturas é marcada por colunas torsas de seis espiras, com o fuste na parte côncava apresentando ornamentações com uma grinalda de motivos florais e vegetalistas, são encimadas por capitéis de ordem coríntia. As colunas assentam em estilóbadas salientes e contidas na predela. As estilóbadas e a predela na zona dos tramos laterais são decoradas com cartelas envoltas em motivos concheados e vegetalistas, trabalhados ao gosto rococó. As colunas exteriores são rematadas superiormente por pináculos.

O retábulo é rematado por frontão quebrado, possuindo ao centro uma cartela decorada com motivos “*rocailles*” e vários “*Cs*” vegetalistas. Lateralmente o frontão apresenta motivos florais e aletas, enquanto o entablamento apresenta-se despido de talha.

Nos ornamentos prevalecem os motivos vegetalistas, concheados, torçais, os motivos decorativos em “*C*” e em “*S*” que conferem grande dinâmica às formas embora dispostos simetricamente. As grinaldas, florões e superfícies apaineladas foram a evolução da nova linguagem decorativa da talha, uma nova

<sup>60</sup> Idem, *Ibidem*, L.º234, L.º de Eleições, f.15. Idem, *Ibidem*, L.º 227, Livro de Receita e Despesa, f.46.

<sup>61</sup> Idem, *Ibidem*, L.º227, Livro de Receita e Despesa, f. 16v.º, 17v.º, 18v.º, 19.

preocupação com folhagens de acanto e flores estilizadas que percorrem e emolduram o quadro central alusivo a N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Boa Morte, com uma rica moldura rectangular rematada em arco com uma cartela decorativa ao centro.

O retábulo é complementado por outras modalidades artísticas, como os estuques no tecto. A gramática rococó espalha-se pelas molduras das pinturas que ilustram as paredes laterais, as pilastras que separam as mesmas, a talha das “*sobre-portas*”, a talha que remata as paredes laterais, a urna de Nossa Senhora e o par de espelhos já do século XIX, ao gosto francês.

Em inícios do século XX, por volta de 1904, no lado do Evangelho, foi instituída e levantada pela devoção do célebre padre Manuel Joaquim de Paiva (1867-1935) e com os donativos dos paroquianos, a capela do Sagrado Coração de Jesus, devoção com bastante relevo no século XX.

O risco da capela foi encomendado (embora depois o oferecesse) ao então chefe da Secção de Obras Públicas da Madeira, o engenheiro militar Adriano Augusto Trigo, natural do Norte de Portugal, e que viera para a Madeira em serviço, em 1890 e aqui casara, vivendo ainda na Ilha alguns anos na primeira metade do século XX<sup>62</sup>. O projecto de edificação da capela data de 17 de Junho de 1904, orçado em 1.030\$000 réis, não incluindo a despesa da construção do altar. Na construção da capela usaram-se madeiras de castanho nas colunas, casquinha e pinho mole, construindo-se caixas-de-ar nos soalhos para permitir uma boa conservação das madeiras.

O referido engenheiro, face às dimensões desproporcionais do espaço de construção da capela, planeou três corpos separados por colunas e “*nas ornamentações da capella ter-se-á em vista o estylo geral da construção da Igreja, para dar ao todo um conjunto harmónico*”<sup>63</sup>, como ficou registado no remate dos corpos laterais encimados por segmentos de frontões curvos quebrados e no friso do entablamento decorado com querubins, motivos que se encontram no entablamento da capela-mor e do Santíssimo Sacramento da igreja.

O retábulo do Sagrado Coração de Jesus, em estilo Neoclássico / Romântico, é em madeira entalhada dourada e policromada, com marmoreados ocres, acastanhados e esverdeados, muito provavelmente executados pelas oficinas dos decoradores madeirenses de Cirilo e/ou dos Bernes e que reflectem muito bem

---

<sup>62</sup> Teresa Vasconcelos, *O Plano Ventura Terra e a Modernização do Funchal (primeira metade do século XX)*, Funchal, 2008, p.36, 92, 94, 95, 132, 145. Adriano Augusto Trigo elaborou vários projectos na Madeira e estudou vários problemas respeitantes a obras públicas da Ilha. Tem vasta bibliografia referente a melhoramentos, obras, iniciativas e demais aspectos que interessavam à vida do Arquipélago. É dele o “Plano Geral da Distribuição e Arrendamento das Águas da Levada da Serra do Faial”. Durante alguns anos viveu em Macau, onde ocupou o cargo de director dos Serviços das Obras Públicas de Macau. Tinha um irmão mais novo Aníbal Augusto Trigo, também engenheiro militar.

<sup>63</sup> *Projecto e Orçamento para a construção de uma Capella na Parochial Igreja de S. Pedro da Cidade do Funchal*, Funchal, 17-06-1904, manuscrito de 11 fls., uma planta de alçado e uma carta avulsa datada de 28-06-1904, do engenheiro Adriano A. Trigo, cit. CARITA, Rui, *A capela do Sagrado Coração de Jesus da Matriz de S. Pedro: 1904 – A devoção do padre Paiva*, Diário de Notícias do Funchal, ano 116, n.º 48128, 15-03-1992, p.9.

o gosto da época. O retábulo apresenta três tramos, separados por pilastras caneladas nos dois terços superiores, com capitéis entalhados e dourados. Na parte central, num nicho fundo encontra-se uma imagem do século XX, do Imaculado Coração de Jesus, enquanto os tramos laterais albergam imagética de São Francisco Xavier e de Santa Rita de Cássia, ambas em gesso pintado. A parte central do frontão apresenta cartela com a inscrição HIS, envolta por pilastras e aletas, todo o conjunto é encimado por uma cruz. Quanto ao frontal, observamos o Sagrado Coração entalhado ao centro.

Na igreja existe ainda uma capela interior junto ao Cartório Paroquial, no lado da Epístola, com estuques pintados no tecto e um retábulo em madeira dourada e pintada do século XIX, em estilo Neoclássico, dedicado ao Sagrado Coração de Maria. O retábulo apresenta frontão interrompido, um corpo e três tramos, separados entre si por colunas de fuste liso, pintadas a imitar marmoreados castanhos. Prevalece o branco com ligeiras aplicações de ouro nos ornatos em talha que são desvalorizados. As decorações em talha aparecem na zona da predela, capitéis das colunas, nichos que albergam imagética tridimensional, e no frontão do retábulo que ostenta ao centro uma cartela alusiva aos Sagrados Corações de Maria e de Jesus.

No primeiro piso da torre, existe ainda um altar desmontado, de finais do século XVIII / inícios do XIX, em estilo Neoclássico, em talha marmoreada e dourada, com quatro colunas com capitéis coríntios dourados. Em princípio de um altar de uma capela particular, entretanto desmanchada e cujo retábulo foi depositado na igreja. Também a sacristia do Santíssimo Sacramento apresenta um pequeno retábulo em estilo Neoclássico, em madeira entalhada, estofada, dourada e pintada. É evocativo ao Senhor Crucificado, cuja imagem central assenta em elevada base relevada e raios relevados e dourados, enquadrada por pilastras marmoreadas com capitéis entalhados. Apresenta predela também marmoreada e o frontão curvo interrompido com cartela central.

Além destes retábulos a igreja apresenta ainda outro espólio de talha, como dois pares de tocheiros, um de meados do século XVII e outro do século XIX, o cadeiral da confraria do Santíssimo de finais do século XVIII, o coruchéu e guarda voz do púlpito, de finais do século XVIII, em estilo Neoclássico; o remate do arco triunfal com uma cartela enquadrando uma alegoria a São Pedro; as seis molduras dos quadros da nave e a urna da Semana Santa.

Os retábulos da igreja são ainda complementados por outras boas modalidades artísticas, onde avultam os azulejos azuis e brancos do século XVII, cobrindo quase a totalidade das paredes, quer da nave e capela-mor, como também das paredes da sacristia e do fundo do coro. A igreja é decorada ainda por estuques, pintura, ourivesaria e mobiliário dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, tudo executado pelos mais prestigiados mestres em actividade na Madeira dos séculos

XVII a XX. A igreja recentemente, nomeadamente em 1991, foi alvo de restauros<sup>64</sup>, onde se incluíram os retábulos e pinturas, chegando assim até aos nossos dias um bom conjunto de arte sacra de várias épocas a cumprir as funções principais para que foram concebidas, o serviço cultural e a adoração dos fiéis.

---

<sup>64</sup> Juan Fernandez, *Enquanto não chegam os subsídios regionais. Paróquia solicita apoio à Europa para recuperar a igreja de São Pedro*, Diário de Notícias do Funchal, ano 116, n.º 48164, 22-04-1992, p.4.